

# A França Antártica, Villegagnon e a Reforma: um projeto colonizador dentro da crise religiosa e outros projetos de dependência com aspectos religiosos quatro séculos depois

**Antônio Luiz Porto e Albuquerque**

*Bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, museólogo, graduado em Ciências Navais pela Escola Naval, doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho e atualmente exerce consultorias para projetos culturais.*

## RESUMO

Na transição dos séculos XV e XVI, países europeus puseram-se à busca de novos mundos. A principal questão era encontrar complementos para a economia europeia. Espanha e Portugal tomaram à frente do processo de encontrar e colonizar outras terras. Outros povos da Europa a seguir fizeram o mesmo. A França teve seu lugar. Este país, vivendo a Reforma e dividido por sangrentas guerras internas religiosas, tentou uma colônia em terras já portuguesas, por idéia de Villegagnon. Seria no Brasil, na Baía de Guanabara. Deu-se aí desentendimento entre católicos e protestantes e esforço para expulsar os novos invasores. A vitória portuguesa terminou com a idéia de uma França Antártica.

**PALAVRAS-CHAVES:** VILLEGAGNON, INVASÃO FRANCESA E REFORMA

## ABSTRACT

During the transition of the fifteenth to sixteenth centuries, european countries searched new lands. The chief problem concerned to find complements for european economy. Spain and Portugal were the first countries to look for and to find and colonize new lands. Other countries have done the same effort. France was one among them. France was living under the Reform divided in bloody internal religious wars, but under an idea of Villegagnon tried to obtain a colony in Brazil at Guanabara bay. A misunderstanding between catholics and protestants had its place there with an effort to expel the invasors. The portuguese victory took an end to the idea of a French Antartic.

**KEYWORDS:** VILLEGAGNON, FRENCH INVASION AND REFORM

Nos séculos XX e XXI, o mundo tem assistido a projetos de dependência que são mais sofisticados do que os antigos projetos colonizadores de algumas centúrias atrás. Assim como o colonialismo diferiu conceitualmente do imperialismo, como fenômenos das relações internacionais e diplomáticas, as idéias de colonização diferiram das idéias de dependência, estas mais sutis e não menos abrangentes. Em pleno século XXI, após a recente descolonização, nenhuma potência ousa dizer-se claramente colonizadora, mas muitas vezes persiste em claras determinações de manter outros países num sistema de dependência vária, geralmente sofisticado, mas não menos odioso. A pretensão de alguma grande potência em exercer o papel unilateral de “polícia do mundo” pode resultar em agressões de larga extensão, geralmente com a apresentação de idéia louvável em favor da instalação de democracia ou de sustentação da liberdade. Um dos problemas é o entendimento de “democracia” e sua propriedade; outro é a imposição do que se entende por liberdade sem consulta válida anterior aos povos se a querem e como a querem. E, como há quatro séculos, idéias religiosas são mistura-

das com conceitos políticos e geralmente a paz é fortemente atingida. Poder-se-ia desde logo argumentar que a “paz” não é necessariamente a ausência da guerra, mas pode ser um estado de quietude exterior que não corresponde à milenar definição do profeta Isaías: “A paz é fruto da justiça”<sup>1</sup>. O salmo 33 já recomendava “Procura a paz e vai com ela em seu caminho”<sup>2</sup>. A simples quietude exterior pode corresponder, por exemplo, à horrível paz dos cemitérios. Não é, certamente, esta a paz que se deseja.

Em 2005, completaram-se 400 anos do estabelecimento dos franceses no Rio de Janeiro sob a chefia de Villegagnon. Nessa época, a Europa estava tomada de graves disputas religiosas que tiveram terríveis resultados, comprometendo a convivência pacífica entre as pessoas. Essa discórdia chegou à Baía de Guanabara e alcançou outras partes do Brasil, trazida pelos franceses, alguns dos quais hereges.

Apenas dois lugares no mundo evocam a lembrança de Nicolau Durand de Villegagnon: uma vila próxima a Provins, em Seine-sur-Marne, na França, e uma ilha na Baía de Guanabara (Brasil), onde está a Escola Naval desde 1938. Naquela vila, muito pequena, nasceu Nicolau Durand em 1510. Em 1883, Provins tinha 7.277 habitantes, produzindo couros, vasilhame, vidros para óculos, tijolos e diversos derivados alimentícios<sup>3</sup>. O sobrenome de Nicolau de Villegagnon devia ter permanecido apenas Durand, como o de seu pai Luís Durand; mas este senhor, pouco antes do nascimento de Nicolau, comprara um pequeno senhorio com uma igreja circundada por algumas casas e terras. Assim, podia dizer-se “senhor de Villegagnon”, incorporando a preposição “de” a seu nome e ao de seus filhos<sup>4</sup>.

Na época da Renascença, quando a nobreza tinha grande prestígio, essa preposição trazia vantagens. Apesar disso, havia limites. Uma inscrição existente numa casa importante em Provins diz que ali nasceu “Nicolau Durand de Villegagnon, vice-almirante de França, comendador de Malta, o mais célebre homem de mar de seu tempo”. Ele, porém, não foi vice-almirante de França, mas da Bretanha, o que não era pouco para um burguês de nascimento. Em Malta, começou como cavaleiro, depois comendador, acabando como embaixador da Ordem de Malta junto ao rei de França. Foi na escola de navegação daquela ilha que se tornou marinheiro, navegando em galeras pelo Mar Mediterrâneo, pelo Mancha e o Mar do Norte. Em meio a todos seus trabalhos navais, Nicolau Durand de Villegagnon foi um católico firme, posição muito importante em sua vida. Por aquela época, Luís de Camões haveria de perenizar a vida marinheira e militar em seu poema épico *Os Lusíadas*, canto X, CLIII: “A disciplina militar prestante não se aprende, senhor, na fantasia, sonhando, imaginando, ou estudando, senão vendo, tratando e pelejando”<sup>5</sup>. Villegagnon tratou e pelejou, além de estudar. Sem estudo, esse bravo não poderia tornar-se também literato e envolver-se nas disputas religiosas de seu tempo<sup>6</sup>. Foi advogado de talento jurídico, tendo tido como colega de estudos na Universidade de Paris João Calvino, depois chefe da religião reformada na Suíça. Villegagnon tornou-se um homem notável em seu século como soldado, marinheiro, diplomata, historiador, controversista, criador de projetos, agricultor, erudito e filólogo. Chegou a publicar dois livros em latim de assuntos militares e históricos antes de viajar ao Brasil; envolviam, em geral, o Imperador Carlos V e suas campanhas militares<sup>7</sup>.

<sup>1</sup> Is 32, 17.

<sup>2</sup> Salmo 33, 15.

<sup>3</sup> CARVALHO, Tito Augusto de. *Diccionario de geographia universal*. Lisboa: David Corazzi Editor, 1883. p.811-812.

<sup>4</sup> PEILLARD, Léonce. *Villegagnon: vice-amiral de Bretagne, vice-roi du Brésil*. Paris: Librairie Académique Perrin, 1991. p.18.

<sup>5</sup> CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*: poema épico de Luiz de Camões. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1866. p.196.

<sup>6</sup> NOGUEIRA, M. T. Alves. *Villegagnon*. Rio de Janeiro: EPASA, 1944. p.2s.

<sup>7</sup> WETZEL, Herbert Ewald. *Mem de Sá: terceiro governador geral (1557-1572)*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. p.69-70 e

Para se ter uma boa idéia da importância de Villegagnon na história europeia antes de seus trabalhos também na América, é preciso uma breve consideração sobre a posição relativa de alguns dos principais países europeus e o meio comum religioso que dominava a Europa desde a Idade Média. Se havia uma unidade forte na Europa até a queda de Constantinopla e o início dos tempos modernos (1453), era a unidade religiosa, apesar das heresias que desde a Antigüidade apareciam no mundo cristão. Importava imitar em vida os gestos dos heróis, dos santos, “como se imitavam, enquanto se ia esperando a morte, os do Salvador”<sup>8</sup>. Nesse mundo respeitavam-se os guerreiros e os santos. Buscava-se tanto a cavalaria como o mosteiro. Valia o poderio, a proeza, como também a santidade. Na primeira metade do século XVI, esse mundo sofreu grave mudança, porque foi quebrada fortemente a unidade cristã numa crise sem precedentes.

Surgia a Reforma que gerou os protestantes, nome derivado do protesto feito pelos seguidores do antigo monge alemão Martinho Lutero, em 19 e 20 de abril de 1526. Protestaram contra o decreto da dieta<sup>9</sup> da cidade de Espira, que estabelecera que nada poderia determinar que se abraçasse outra fé, sob pena de proscrição imperial [Carlos V do Sacro Império Romano (Alemanha), 1519-1556]<sup>10</sup>.

Essa fase reformista alcançou a Europa pouco tempo antes de sua expansão para alémmar. Buscava-se um novo mundo, principalmente a partir dos primeiros sinais de mudança de preços e de atividades econômicas no Mar Mediterrâneo nos fins do século XV<sup>11</sup>. Foi

assim que portugueses e espanhóis lançaram-se ao mar desconhecido, chegando à América desde 1492. Primeiro à ilha Espaniola (Santo Domingo), na primeira viagem de Cristóvão Colombo. No último ano do século XV, 1500, os portugueses alcançaram a nova terra de Vera Cruz ou Santa Cruz, depois chamada Brasil. Toda essa gesta marítima se fez com a teórica divisão das terras em ser determinada por um pontífice cheio de problemas com a Igreja<sup>12</sup>, o Papa Alexandre VI (1492-1503), pela bula *Intercoetera*, cujas normas foram ultrapassadas pelo Tratado de Tordesilhas, de 1494.

No início do século XVI, havia evidente diferença entre três grandes monarquias que tinham conseguido estender sua soberania sobre vastos territórios europeus, nos quais asseguraram alguma unidade: Inglaterra, França e Espanha; além destes, outros dois países mantiveram-se repartidos na Europa: Alemanha e Itália, que só seriam unificados no século XIX. Desses países, a França era o primeiro, por sua população (cerca de 15 milhões de pessoas) e suas riquezas. Em população, a França tinha duas vezes mais habitantes do que a Espanha e quatro vezes mais do que a Inglaterra. Este último país recuperara-se da difícil guerra dos Cem Anos (1337-1453) e o rei de França era o que mais podia receber contribuições de seus súditos, com autoridade firmemente estabelecida<sup>13</sup>. Os limites territoriais da França no século XVI eram aproximadamente os que foram estabelecidos pelo Tratado de Verdun, de 843<sup>14</sup>. Ramos colaterais da casa de Valois tinham os ducados de Valois e de Orléans, assim como os condados de Blois

RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos, Barão do. *Efemérides brasileiras*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1946. p.528-529.

<sup>8</sup> DUBY, Georges. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade, 980-1420*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979. p.247.

<sup>9</sup> Assembléia política de alguns Estados europeus.

<sup>10</sup> JEDIN, Hubert et al. *Manual de historia de la iglesia: reforma, reforma católica y contrarreforma*. Barcelona: Editorial Herder, 1972. t.5. p.351.

<sup>11</sup> CHAUNU, Pierre. *Conquête et exploitation des nouveaux mondes: XVIe. siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969. p.119.

<sup>12</sup> MARION, L. *Histoire de l'église*. Paris: Librairie P. Téqui, 1942. t.3. p.130-141.

<sup>13</sup> LAPEYRE, Henri. *Les monarchies européennes du XVIe. siècle: les relations internationales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967. p.59.

<sup>14</sup> Repartiu o império de Carlos Magno entre seus três netos, cabendo a Carlos, o Calvo, a parte ocidental que compunha a França.

e de Angoulême. A chegada de Luís XII ao poder em 1498 e a de Francisco I (1515-1547) acrescentaram essas terras ao domínio real francês. No interior dos domínios reais ainda demoraria a unificação, formando o Estado nacional. Quanto à Bretanha, foi levada à coroa de Carlos VIII (1483-1498) por seu casamento com a Duquesa Ana, em 1491. Sua autonomia foi preservada, e Luís XII (1498-1515) conservou esse estado de coisas casando-se com a viúva de seu predecessor. Apenas em 1532 a Bretanha foi definitivamente acrescentada aos domínios reais franceses.

Nesse século XVI, a economia europeia era sobretudo agrícola, porém múltipla, com variados tipos de produção. Estes compunham as madeiras das florestas, o pastoreio, os vinhedos e as oliveiras, assim como o trigo. A conquista de novos meios e produtos foi progressiva, junto com recursos técnicos, como canais, fossas e pequenas bombas, entre os séculos XV e XVI. Em outras partes europeias, essa conquista ocorreu desde o século XII e incluiu o arroz, ao qual somaram-se o algodão e a cana-de-açúcar, sobretudo ao sul da Península Ibérica e nas ilhas atlânticas. Nesse meio deu-se também uma transumância entre a planície e as montanhas, herança do nomadismo<sup>15</sup>.

No começo desse século XVI, de tantas mudanças, nasceu Nicolau Durand de Villegagnon. Na casa em que nasceu há um memorial em que se lê que ele morreu em 1572, segundo o calendário gregoriano (ou 1571, segundo o juliano, então em vigor), tendo sido vice-almirante de França, comendador da ordem militar de São João de Jerusalém, também chamada de Ordem Equestre de Malta. Nesta ordem Villegagnon entrou em 1531, por ser da pequena nobreza de França, a nobreza de toga (*noblesse de robe*) da parte

de pai. Teria entrado nela como cavaleiro por intervenção de seu grão-mestre, Felipe de Villiers de l' Isle Adam, tio do jovem Nicolau de Villegagnon<sup>16</sup>. Nessa organização militar católica de Malta recebeu bom complemento de sua formação, reforçando sua fé. Como outros, foi também um cruzado, tanto em guerra contra os turcos como nas guerras de religião e nas aventuras do Novo Mundo. Dentre seus contratemplos, foi ferido na expedição contra Argel, enviado numa Esquadra do Imperador Carlos V (1519-1556). Malgrado seus feitos militares marítimos, Villegagnon foi também empregado em missões diplomáticas, sem deixar de querer retornar ao mar. Em 1548, o Rei Henrique II de França (1547-1559), casado com a Rainha Catarina de Médicis, mandou-o buscar a jovem Rainha da Escócia Maria I Stuart<sup>17</sup>, noiva do Delfim Francisco, depois Rei Francisco II (1559-1560). Villegagnon regressou a Malta em 1551 para ali bater-se com os turcos. De volta à França, em 1552, recebeu do rei a incumbência de fortificar o porto de Brest. Daí foi nomeado vice-almirante da Bretanha, em 1553<sup>18</sup>.

Como se sabe, a França recebeu mal a decisão do Papa Alexandre VI (1492-1503) de dividir o mundo entre Espanha e Portugal pela bula *Intercoetera*, de 1493. Assim, por volta de 1550, franceses sonharam com o Brasil. Villegagnon fez, em 1554, uma primeira viagem a esse país. Numa segunda, no ano seguinte, saído de Brest, fundou no Brasil uma colônia numa pequena ilha do Rio de Janeiro que hoje tem seu nome. Vieram três navios franceses, dois artilhados e um de provisões.

Largaram da França em 14 de agosto de 1555 seguindo a rota comum: o Mancha, o Golfo de Biscaia, litorais de Portugal e da Espanha, ilhas atlânticas da Madeira, das Canárias (Ilhas Afortunadas), Cabo Verde, Guiné etc. Embarcado na frota gaulesa havia

<sup>15</sup> MAURO, Frédéric. *Le XVIIe siècle européen: aspects économiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1966. p.101-103.

<sup>16</sup> WETZEL, op. cit., p.70 e

BRITO, Eduardo Chermont de. *Villegagnon, rei do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985. p.13-15.

<sup>17</sup> Maria I Stuart, rainha da Escócia, era sobrinha do Duque Francisco de Guise e do Cardeal de Lorraine. Os Guise perseguiram os protestantes e reprimiram violentamente a conspiração de Amboise, em 1560.

<sup>18</sup> PEYREFITTE, Alain. Préface. In: PEILLARD, Leonce. *Villegagnon: vice-amiral de Bretagne, vice-roi du Brésil*. Paris: Librairie Académique Perrin, 1991. p.12.

um frade franciscano que entrara moço para a ordem mendicante, André Thevet. Este teve algumas idéias fantásticas sobre animais e homens, mas escreveu um importante livro sobre sua viagem ao Brasil: *Singularités de la France Antartique, autrement dite Amerique* (Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América<sup>19</sup>). Esse frade já se mostrara cosmógrafo e narrador de viagens, escrevendo e publicando *Cosmographie du Levant*, sobre o Oriente.

O fundeio na Baía de Guanabara foi fácil, escolhendo-se uma ilha para sede, na qual se fez um forte, onde os gauleses recebiam a visita de índios amigos. Essa pequena colônia era, pois, uma “França Antártica” estabelecida na Ilha de Serigipe, chamada de Palmas pelos lusos, depois Ilha de Villegagnon, nome que tem até hoje.

O motivo de estabelecer-se numa ilha foi explicado por Villegagnon a Calvino – queria evitar que seus comandados fossem a terra para terem relações sexuais com as índias. Aquele chefe francês era rigoroso quanto à moralidade e isso foi tema e título de saboroso romance histórico brasileiro bem fundamentado: *Um reino sem mulheres*, de Ofélia e Narbal Fontes, pais de um oficial de Marinha<sup>20\*</sup>. A questão era saber se a França Antártica era viável, posta no meio colonial português. Para torná-la uma realidade, Villegagnon foi apoiado pelo Almirante-de-França<sup>21</sup> Gaspar de Coligny, líder reformado calvinista. Este enviou-lhe colonos protestan-

tes, com os quais estabeleceram-se fortes discussões religiosas inúteis, que comprometeram o empreendimento. Segundo o padre José de Anchieta, João Calvino enviou também dois hereges de seu clã, a quem chamava “ministros”, para ensinar o que deviam crer<sup>22</sup>. Esses hereges ministros ou pastores protestantes foram Pedro Richier e Guilherme Chartier, chegados à Guanabara com Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon, em 7 de março de 1557; tratava-se de um reforço de três navios armados que enviou o Rei Henrique II à vista das boas notícias de êxito chegadas à França.

Com Bois-le-Comte chegaram à Baía de Guanabara 290 passageiros, dentre os quais muitos calvinistas fervorosos, alguns vindos de Genebra. Dentre os que então vieram estava um antigo sapateiro estudioso de teologia, Jean de Léry<sup>23</sup>, que escreveu um famoso livro sobre sua aventura à França Antártica: *Viagem à terra do Brasil*, num estilo renascentista à moda de Montaigne. Esse calvinista veio ao Brasil quando, estudando teologia, sentiu-se chamado a pregar o evangelho na América. Mais tarde, em 1558, tendo deixado o Brasil, foi feito ministro da religião reformada em Genebra<sup>24</sup>.

A França parecia votada às novas idéias religiosas reformistas, buscando-se a criação de uma Igreja nacional francesa. A universidade e parte da nobreza atacavam o despotismo pontifício<sup>25</sup>. Nesse meio, desenvolveu-se João Calvino, o francês que reformaria a Suíça a partir de Genebra.

<sup>19</sup> THEVET, André. *Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América*. Trad. de Estevão Pinto. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1944.

<sup>20</sup> FONTES, Ofélia; FONTES, Narbal de Barros. *Um reino sem mulheres: biografia romanceada de Nicolau Durand de Villegagnon*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. \* N.A.-CF (Ref.) Narbal de Barros Fontes ingressou no Colégio Naval em 1954 (Turma Dedo).

<sup>21</sup> Almirante-de-França é mais um título do que um posto na Marinha francesa. Equivale a marechal-de-França, título criado em 1047, com precedência sobre todos os marechais. O último marechal-de-França foi Alphonse Juin, da Segunda Guerra Mundial. Quanto aos almirantes-de-França, o primeiro foi Florent de Varennes, em 1270; o último foi François-Thomas Tréhouart, em 1869.

<sup>22</sup> CARTA ao padre geral da Companhia de Jesus, de São Vicente, em 01/06/1560. In: ANCHIETA, José de. *Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. p.167.

<sup>23</sup> WETZEL, op. cit., p.73-74.

<sup>24</sup> Ibid, p.73.

<sup>25</sup> GAFFAREL, Paul. Notícia biográfica. In: LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Trad. e notas de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bibliex, 1961. p.17.

A fase intermediária do século XVI foi marcada por grande crise político-religiosa em França, surgida após o começo da Reforma instituída por Lutero e seus seguidores próximos. Essa crise gerou guerras intestinas envolvendo católicos e os cristãos reformados, chamados de protestantes, por conta do forte protesto que os estamentos luteranos fizeram em 19 e 20 de abril de 1529 contra as medidas advindas do decreto da dieta da Espira<sup>26</sup> (Alemanha). Decidira-se ali extinguir totalmente os sacramentários (zinglianos) e os anabatistas<sup>27</sup>.

João Calvino (1509-1564) fez da igreja reformada um elemento político, instituindo uma verdadeira teocracia, uma vez que entendia que todos os agentes do Estado estavam sujeitos à disciplina eclesiástica, a qual ficava a cargo exclusivamente do conselho (ou consistório) de pregadores e anciãos. Tal rigorosa aplicação da disciplina foi causa de indisposição de Calvino com as autoridades leigas e com o povo genebrino. Entretanto, sua firmeza acabou por prevalecer e, quando de sua morte, seu rigoroso sistema estava consolidado não apenas em Genebra, mas também em outras partes da Suíça e foi substancialmente adotado pelos reformadores na França e na Escócia. Deve ser lembrado que Calvino estabeleceu escolas e formou homens que se encarregaram de difundir sua doutrina como missionários por quase todos

os países da Europa, tendo chegado à América ainda no século XVI, quando se estabeleceram no Brasil (Baía de Guanabara), ainda em vida do reformador franco-suíço (França Antártica, 1555).

À vista das disputas religiosas, Villegagnon retirou-se definitivamente para a França em 1560. Antes de sua saída para a Europa, em novembro de 1559, chegou ao Brasil uma frota portuguesa sob o comando de Bartolomeu Vasconcelos da Cunha para combater os franceses do forte Coligny. Nos primeiros meses de 1560, o Governador-Geral Mem de Sá chegou à barra do Rio de Janeiro, onde esperou reforços de São Vicente<sup>28</sup>.

Nesse ano, o reino francês entrou nas lamentáveis guerras de religião, das quais Villegagnon participou tanto pela espada como pela palavra escrita. Lutou nas proximidades de Rouen e de Sens, discutindo com Calvino e seus sucessores. Era do partido da corte e dos Guise, vindo a morrer em 1572 sem chegar a ver a criminoso noite de São Bartolomeu, a 24 de agosto de 1572, quando morreram assassinadas 30 mil pessoas na França<sup>29</sup> e mais de 200 dirigentes protestantes apenas em Paris<sup>30</sup>.

Como fez voto de pobreza na Ordem de Malta, o testamento de Villegagnon deixou poucos haveres para os pobres de Paris, a quem fez seus herdeiros.

---

<sup>26</sup> JEDIN, op. cit. t.5. p.351.

<sup>27</sup> TÛCHLE, Germano; BAUMAN, C. A. Reforma e contra-reforma. In: \_\_\_\_\_. *Nova história da igreja*. Petrópolis: Vozes, 1983. v.3. p.76.

<sup>28</sup> FONTES, op. cit., p.173, nota 181.

<sup>29</sup> FALCON, Francisco J. Calazans; MOURA, Gerson. *História moderna*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1973. p.55.

<sup>30</sup> BARIDON, Pedro D.; ELLAURI, Oscar S. *História universal*. Buenos Aires: Kapelusz, 1970. P.164.

FONTES  
BIBLIOGRÁFICAS

- ANCHIETA, José de. *Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1988.
- BRITTO, Eduardo Chermont de. *Villegaignon, rei do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas: poema épico de Luiz de Camões*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1866.
- CARVALHO, Tito Augusto de. *Diccionario de geographia universal*. Lisboa: David Corazzi, 1883.
- CHAUNU, Pierre. *Conquête et exploitation des nouveaux mondes: XVIe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.
- DUBY, Georges. *O Tempo das catedrais: a arte e a sociedade, 980-1420*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- FONTES, Ofélia; FONTES, Narbal de Barros. *Um reino sem mulheres: biografia romanceada de Nicolau Durand de Villegaignon*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986.
- GAFFAREL, Paul. *Viagem à terra do Brasil*. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bibliex, 1961.
- JEDIN, Hubert. *Manual de historia de la iglesia*. Barcelona: Editorial Herder, 1972. 5v.
- LAPEYRI, Henri. *Les monarchies européennes du XVIe. siècle: les relations internationales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.
- MARION, L. *Histoire de l'eglise*. Paris: Librairie P. Téqui, 1942.
- MAURO, Frédéric. *Le XVIe siècle européen: aspects économiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.
- NOGUEIRA, M. T. Alves. *Villegaignon*. Rio de Janeiro: EPASA, 1944.
- PEILLARD, Leonce. *Villegaignon: vice-amiral de Bretagne, vice-roi du Brésil*. Paris: Librairie Académique Perrin, 1991.
- RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos, Barão do. *Efemérides brasileiras*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1946.
- THEVET, André. *Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América*. Trad. de Estevão Pinto. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1944.
- TÜCHLE, Germano; BAUMAN, C. A. *Nova história da igreja*. Petrópolis: Vozes, 1983. 3v.
- WETZEL, Herbert Ewaldo. *Mem de Sá: terceiro governador-geral (1557-1572)*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.